

LUIS ZUECO

# A CIDADE

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

*PRIMEIRA PARTE*

OS ESTRANGEIROS

## *Capítulo Um*

**E** stava protegida por altas e agrestes montanhas, nas profundezas de um vale esburacado pelo curso de um rio que se alimentava das abundantes neves de inverno. Só se lhe podia aceder por um estreito desfiladeiro que conduzia às suas muralhas, impregnadas da cor avermelhada proveniente da peculiar pedra que era extraída da sua serra, rodeada de altos cerros coroados por castelos e torres que, desafiadores, a defendiam dos numerosos inimigos que ansiavam por a possuir.

Jamais tinha sido tomada pelas armas. Não devia vassalagem a nenhum rei ou imperador. Livre e inconquistável, apesar de estar situada entre quatro poderosos reinos cristãos.

Gostava de se lembrar disso quando estava sozinho diante das suas muralhas, como naquela desagradável noite. O aguazil Munio mal conseguia manter acesa a tocha que segurava. O vento da serra gelava tudo à sua passagem; introduzia-se até ao mais fundo dos ossos daquele robusto homem de barba espessa e olhos agigantados, para quem cada movimento implicava um autêntico esforço. Há um par de invernos que os joelhos lhe falhavam; ao andar, ficava com os tornozelos inchados e enegrecidos, formando umas bolhas negras que lhe causavam dores terríveis e que só aliviava enfiando as pernas em água fria, gelada quando podia dar-se ao luxo de adquirir gelo num dos neveiros da cidade.

Por todos esses males, tinha de parar com frequência para descansar. No dia anterior, uma das curandeiras do arrabalde tinha-lhe dado um unguento. Era caro, mas pelo menos mitigava a dor durante as longas vigias.

Há doze longos anos que exercia o seu rotineiro ofício, quase sempre de noite. Mas havia quem estivesse há mais tempo do que ele no posto, e só quando esses adoeciam é que ele podia mudar de turno. Agora, a

sua sorte estava prestes a mudar; começavam a faltar as forças a alguns dos mais longevos, e aproximava-se a sua retirada. Era um trabalho duro; a Albarracín, chegavam viajantes e comerciantes de todos os reinos, o que gerava tensões, e o aguazil costumava ter de intervir. Muitas vezes, eram lutas de bêbedos, ou por causa do jogo, mas noutras chegavam a cruzar-se lâminas e era derramado sangue.

Para acabar com os tumultos e as disputas, há alguns anos que o quarto Senhor de Albarracín tinha mandado transferir todas as tabernas para junto dos portões de entrada, a fim de ter mais controlados os forasteiros que chegavam incessantemente à cidade. Havia-os de todas as origens e condições. Os aragoneses eram demasiado orgulhosos; os castelhanos, os mais desordeiros, mas eram de longe os melhores negociantes e tinham muita galhardia; os catalães e os valencianos passavam mais despercebidos, ainda que fosse difícil adivinhar os seus pontos fracos. Dos franceses e dos muçulmanos de Granada, havia sempre que desconfiar. Munio preferia os navarros, em parte porque tinham o seu sangue. O seu tetravô chegara a Albarracín vindo da cidade de Tudela, no reino de Navarra, quando aquelas terras tinham sido concedidas à linhagem dos Azagra.

Isso fora há muito tempo. Agora, o quinto Senhor de Albarracín era castelhano, da poderosa Casa de Lara.

«Será que este maldito vento não vai amainar?», praguejou para consigo.

Há uma semana que soprava um vento gélido. Não era habitual que se prolongasse durante tanto tempo. As montanhas costumavam proteger a cidade dos fortes ventos que sopravam mais a norte, no vale do Ebro. Aquele início de ano estava a ser estranho; um inverno benevolente tinha dado lugar a uma primavera que os estava a tratar com inesperada dureza.

Também os animais o notavam e, nos estábulos, os cavalos relinchavam devido ao frio.

Não havia nada no mundo que ele desejasse mais do que possuir um cavalo, um exemplar forte, com o qual pudesse lutar contra os infiéis. Imaginava-se montado numa dessas autênticas máquinas de guerra, a matar inimigos, para depois regressar vitorioso a Albarracín e entrar pela porta de Molina, para que todo o povo o aclamasse.

Quando era novo, combatera como peão dos Heredia, uma das linhagens mais antigas de Albarracín, em terras do reino de Múrcia. Aí, aprendera que a forma de guerrear dos cristãos e dos muçulmanos era muito diferente, tanto que até usavam diferentes raças de cavalos na batalha. A cavalaria cristã era pesada, enquanto o exército andaluz era composto por cavaleiros mais rápidos. Os cavaleiros castelhanos utilizavam uma raça que, devido à sua robustez, permitia suportar o peso notável das cavalgaduras e as duras cargas frontais que os cavaleiros realizavam montando com estribos largos. Os cavaleiros muçulmanos, pelo contrário, envergavam apenas cotas de malha e montavam cavalos mais ligeiros, procedentes de uma variedade produzida a partir de um cruzamento de animais autóctones com outros de origem berbere. Estes eram mais gráceis e rápidos; permitiam uma ampla mobilidade e facilitavam o desenvolvimento das suas táticas de ataque, que consistiam em contornar, cansar e enganar o inimigo para finalmente o aniquilar com uma investida à espada.

O aguazil abandonou as armas porque davam pouco sustento e queria constituir família. Ainda assim, tinha de admitir que fora a época mais apaixonante da sua vida. Por isso sentia tantas saudades dela e a recordava todas as noites nas suas intermináveis rondas pelas ruas da cidade.

Enquanto continuava a imaginar-se montado num cavalo negro, sentiu que algo caía sobre o seu nariz. Ergueu o olhar. Tinha começado a nevar.

Pouco tempo depois, já o vento soprava os flocos com violência. Começou a ser difícil ver com clareza. Estava a cair uma bela nevada; não tardaria a que a cidade e as suas muralhas se cobrissem de branco, ocultando a sua cor avermelhada.

Seria uma longa noite.

Estava entorpecido; esfregava as mãos, num esforço inútil para as aquecer. A espada que lhe pendia do cinto pesava mais do que nunca. Observou as fachadas das casas da praça do Mercado, todas fechadas a sete chaves, com os seus habitantes bem quentinhos nas suas enxergas e ele, em contrapartida, a deambular pelas ruas frias com o vento e a neve como única companhia.

Ao longe, avistou outro guarda, um dos mais antigos. Costumavam cruzar-se nas horas mais sombrias da noite e trocar algumas palavras.

– Como vai o passeio? – perguntou-lhe o veterano, com certa ironia.

– Passeio? É preciso ter coragem, Diosdado! – exclamou Munio, expelindo uma baforada de vapor pela boca. – Nada de novo nas portas de Molina e da Água. Como foi que te calhou ficar de guarda durante a noite?

– Às vezes apetece-me recordar os velhos tempos.

– E bem velhos que eles são...

– Cuidado, ainda sou capaz de te dar uma boa lição – advertiu-o Diosdado.

– Não duvido. Alguma novidade na tua ronda?

– O nosso senhor, Juan Núñez, saiu ao cair da noite com uma mesnada de vinte homens.

– Sabes para onde ia a estas horas tão intempestivas?

– Suponho que para norte, para Navarra; ouvi dizer na Taberna do Coxo que estão a preparar uma campanha por terras do Moncayo. – Enfiou bem os guantes para combater o frio. – Um tipo de Sangüesa disse-me que estão a formar uma hoste considerável.

– É aqui que deve estar o Senhor de Albarracín, não a guerrear por Navarra – acrescentou Munio, enfadado.

– Sim, mas já sabes que possui outros territórios e que, em Castela, as águas continuam agitadas desde a morte do rei Afonso X.

– Isso de Castela nunca vai acabar.

– O nosso senhor ainda apoia os direitos ao trono de Castela dos infantes de La Cerda frente ao seu tio, o rei Sancho IV. Deve armar algazarras na fronteira para demonstrar que possui força militar, nem que seja só para contar com uma boa posição de onde negociar – explicou Diosdado. – Coisas de nobres.

– Eu conformo-me com que passe esta noite, e com ela o frio – afirmou Munio, enquanto esfregava as mãos para aquecer um pouco.

– Não te queixes tanto – disse Diosdado, dando-lhe uma palmada nas costas. – Não é o primeiro ano que neva em abril, nem será o último. Bem, vou continuar com a minha ronda.

O aguazil ficou a olhar para o seu companheiro enquanto este se afastava em direção ao arrabalde. Quando a figura desapareceu na noite, Munio retomou o passo e as dores regressaram aos seus joelhos.

Com grande dificuldade, avançou um par de ruas e teve de parar. Encostou-se a uma fachada de gesso e imaginou-se em sua casa, junto

à sua mulher, Aurora. Ansiava por sentir o calor da sua pele, o formigar dos seus dedos na nuca, os seus pés entrelaçados ou simplesmente o seu cheiro, esse aroma que tão bem conhecia e de que tanto necessitava para viver. Sim; Aurora era o melhor da sua vida, amava-a com uma paixão desmedida, imprópria da sua idade, como se fossem dois juvenzinhos. Sabia que os seus conhecidos escarneciam deles, das suas carícias, dos seus gestos cúmplices, das suas demonstrações de amor.

«E que mal tinha tudo isso? Seria melhor, porventura, limitar-se a cumprir os deveres na cama?»

Amava-a acima de tudo. Por isso queria abandonar o turno noturno da guarda. Já faltava pouco; com sorte, aquele seria o seu último ano de noite.

Um ruído ao fundo da praça acordou-o dos seus devaneios.

Quem poderia estar ali fora com aquele tempo?

Aproximou-se, desconfiado; a neve dificultava a visão. Talvez tivesse sido apenas um gato, ainda que os animais fossem os primeiros a saber como era pouco conveniente sair com o frio.

Chegou à esquina que virava para a parte mais antiga de Albarracín. Não lhe agradavam aquelas ruelas da época em que a cidade era uma taifa muçulmana. Muitos dos seus descendentes ainda viviam naquelas casas, que mal tinham vãos e se apertavam umas contra as outras, com os beirais a roçar-se, e das quais se dizia que escondiam no seu interior belas divisões e pátios.

Desceu em direção ao rio. Agradava-lhe mais aquela parte da cidade, havia mais espaço para respirar.

Olhou para uma das casas que estavam mais próximas. Viu um brilho através de um dos janelões.

Sim; tinha a certeza. Vira mover-se uma estranha silhueta. Esperou que aparecesse de novo: uma sombra. E então, viu uns olhos brilhantes como estrelas. O aguazil sentiu que se lhe gelava o sangue, e não propriamente devido ao frio.

Munio nunca tinha recebido a visita do diabo, mas ouvira como outros a descreviam nas tabernas. O Maligno não podia ocultar por completo a sua natureza; era um decreto divino. Por isso, ainda que quisesse apresentar-se com traços humanos, estes não podiam ser completos.

Foi isso que julgou ver naquele vão: uma figura maligna.

Pensou no que aconteceria se algo de terrível ocorresse durante a sua ronda e ele não soasse o alarme. Adeus à sua mudança de turno, adeus a dormir com a sua mulher.

Aquele não era um edifício qualquer; era a alcaçaria da cidade, onde as peles dos animais eram convertidas em couro, razão pela qual se situava junto a um tanque. Sabia-o muito bem, pois várias vezes surgira algum problema com o abastecimento e os curtidores tinham dirigido as queixas ao concelho.

Àquela hora, a alcaçaria deveria estar vazia. O aguazil encostou o ombro à porta e tentou abri-la; as suas tentativas foram em vão, apesar de ter abanado o suficiente para ele pensar que podia soltá-la.

Ouviu então uma espécie de uivo aterrador, um grito anormal que vinha do interior.

«Porque tem isto de acontecer na minha ronda? Também é azar!»

«E agora, o que faço?»

Imaginou novamente a sua mulher, a repetir-lhe uma e outra vez que não se metesse em sarilhos, que, para o que lhe pagavam, mais valia ter cuidado. Que os senhores estavam bem quentinhos e confortáveis nos seus casarões, e ele passava as noites a percorrer as ruas, entre criminosos e bêbedos.

Sim; nisso Aurora tinha razão. Mas ele era aguazil e tinha um profundo sentido de honra. Podia ser pobre, não muito esperto, não saber ler nem escrever, mas tinha a sua honra intacta. Os notáveis da cidade não podiam dizer o mesmo; vira-os a sair de prostíbulos a horas sombrias, cavaleiros e religiosos.

Não, ele não era como eles; tinha honra.

Inspirou o ar frio de Albarracín, engoliu em seco e avançou.

Dentro da oficina dos curtidores, inalava-se um fedor desagradável, uma mistura de esterco, carne podre e urina. O cheiro nauseabundo entrou-lhe pelas fossas nasais e provocou-lhe uma náusea que quase o fez vomitar.

Com algum esforço, recompôs-se e examinou a divisão. As ferramentas e aparelhos do grémio enchiam todo o espaço: cubas de forma circular, pias retangulares, pavimentos lajeados, canalizações, um tanque de água e muitas peles de molho.



Deu alguns passos pela oficina, tudo parecia estar em ordem. Isso tranquilizou-o; respirou de forma mais calma, relaxou os músculos e lembrou-se de que o seu turno estava prestes a terminar, de que em breve estaria junto da sua mulher, a desfrutar das suas carícias.

As divisões que davam para aquele espaço aberto eram apenas três, e decidiu certificar-se de que também estavam vazias. As duas primeiras eram apenas armazéns e zonas de secagem, mas a última parecia uma divisão diferente. Ao entrar nela, voltaram os seus piores receios.

Estava ali alguém.

Deu mais um par de passos e confirmou os seus pressentimentos.

A divisão estava na penumbra. Uma sombra alongada desenhava-se ao longo do solo, sombra essa que se movia de um lado para o outro. Ergueu o olhar e viu uma figura a balançar. No alto do teto, pendurado pelos pés de um gancho metálico, estava o que parecia ser um corpo humano.

Avançou, atraído pela oscilação, engoliu em seco, sabia que era um erro, mas não podia evitar. Aquela forma negra surgiu então à luz dos seus olhos, era realmente um homem, mas onde deveria estar a pele, tinha apenas uma superfície sanguinolenta e viscosa. Aproximou-se com cautela e verificou que o tinham esfolado, formando-se sobre o solo uma enorme poça negra que se infiltrava pelas frestas das lajes. O cadáver tinha a boca desconjuntada e um esgar de sofrimento petrificado no rosto.

Caiu de joelhos, a tremer de medo, e apoiou as mãos no solo. Mal lhe saíam as palavras, queria rezar, mas os lábios colavam-se-lhe e não conseguia obrigá-los a proferir qualquer palavra. Sentiu então como as suas mãos se humedeciam, ergueu-as e viu que estavam manchadas daquele líquido, que não era outra coisa que não sangue.

Sem querer, ergueu o olhar e encontrou o do corpo a fitá-lo numa grotesca expressão de dor, como se fosse um daqueles demónios e monstros esculpidos nos capitéis da catedral.

Aquela visão aterradora influenciou ainda mais a sua mente e, ao olhar à sua volta, Munio viu apenas sombras e silhuetas que pareciam ganhar vida.

Levou a mão ao punho da espada e desembainhou-a. Olhou para um lado e para o outro, procurando fantasmas na penumbra com a lâmina da sua arma.

Ouviu um espasmo.

Aquele homem ainda estava vivo!

Correu para ele e soltou-o do gancho. As suas mãos enterraram-se na carne daquele pobre desgraçado; todo o seu peso caiu contra ele e voltou a sentir um cheiro imundo. Não conseguiu segurá-lo e caíram ao chão.

O gemido que se fez ouvir foi aterrador; a boca daquele homem abriu-se, mas nada de inteligível saiu dela, apenas dor.

– Conseguis ouvir-me? Falai comigo! Maldição! – praguejou o agua-zil, em desespero. – Quem vos fez isto? Quem foi? Respondei-me! Dizei alguma coisa, por amor de Deus!

Mas o homem não podia responder-lhe; estava inconsciente, moribundo, asfixiando-o sob o seu peso. Empurrou-o para o tirar de cima e, com o coração desenfreado, começou a arrastar-se para trás, invadido pela necessidade de fugir dali. O mais rápido possível. Para procurar ajuda. Para sobreviver.

Subitamente, sentiu um calor intenso no flanco, mas, quando ia gritar, encontrou a boca tapada.

Voltou a imaginar-se junto da sua mulher, Aurora, agasalhados pelas mantas na enxerga do seu quarto.

Sabia que não voltaria a vê-la.